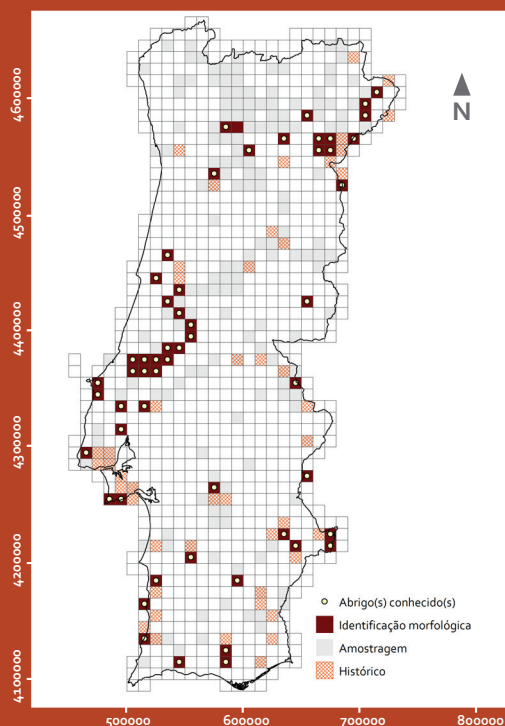


Miniopterus schreibersii (KUHL, 1817)

Morcego-de-peluche



Fotografia de Ana Rainho



Miniopterus schreibersii (KUHL, 1817)

QUESTÕES TAXONÓMICAS E DE IDENTIFICAÇÃO

Tradicionalmente considerados como subfamília dos vespertilionídeos, características de morfologia, biologia reprodutiva e genética dos miniopterídeos têm levado muitos autores a incluí-los numa família à parte. Esta espécie foi em tempos considerada a espécie de morcego com maior distribuição a nível mundial [292], mas estudos genéticos recentes demonstraram que este taxon é um conjunto parafilético² que inclui várias espécies [293-295]. Os artigos científicos portugueses mais recentes têm considerado a nomenclatura *M. schreibersii* apenas para as populações mediterrânicas [29, 30].

É uma espécie de tamanho médio, com pelo relativamente curto e muito denso. A pelagem é geralmente acinzentada, mas existem bastantes indivíduos com tonalidades acastanhadas. A característica mais peculiar desta espécie é a presença de orelhas muito curtas e com uma forma quadrada [16].

Emite pulsos FM/QCF, com frequência máxima de energia entre 49,4 e 54,2 kHz [84]. As vocalizações de ecolocalização são muito semelhantes às de *Pipistrellus pygmaeus*, só sendo possível a sua identificação através de análises de som detalhadas e morosas e utilização de métodos estatísticos [44]. Por esta razão, neste Atlas não foram incluídas observações desta espécie resultantes de identificação acústica.

DISTRIBUIÇÃO

Global: Considerando que *M. schreibersii* ocorre apenas na região mediterrânica, está presente no Norte de África e de Portugal ao Cáucaso; na Europa, o limite norte passa pelo centro de França, sudoeste da Alemanha, oeste da Suíça, norte da Itália, Eslovénia, sudeste da Áustria, Eslováquia, Roménia e Ucrânia [57].

² Grupo que inclui alguns descendentes de um ancestral comum.

Nacional: Em Portugal, distribui-se por todo o território continental, à exceção do Minho, mas as suas populações estão em geral concentradas nas regiões cársicas ou com boa disponibilidade de minas de minério abandonadas de grandes dimensões [Dados deste projeto; 24].

HABITAT

Abrigos: É exclusivamente cavernícola, criando e hibernando em grutas, minas e túneis. Raramente utiliza outros abrigos, existindo apenas observações pontuais em edifícios [41]. É colonial durante todo o ano, formando frequentemente grupos de grandes dimensões, muitas vezes com outras espécies (e.g., *Myotis myotis* e *Rhinolophus mehelyi*) [113].

Áreas de alimentação: Alimenta-se em diversos habitats abertos ou semiabertos, incluindo zonas urbanas e linhas de água [138, 208, 296].

Embora as áreas de alimentação possam ser localizadas até 30 km do abrigo [297], um estudo realizado no sul de Portugal revelou que a área registada mais distante do abrigo se localizava a 15,5 km, e que um raio de 10 km em redor do abrigo incluía 82% das áreas identificadas [72]. O mesmo artigo prevê que as melhores áreas de alimentação sejam habitats abertos localizados perto do abrigo ou das principais linhas de água. A dieta inclui sobretudo borboletas noturnas [298].

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

Estatuto: Vulnerável [51].

Legislação: Espécie incluída nos anexos B-II e B-IV da Diretiva Habitats e anexos II das Convenções de Berna e de Bona.

As principais ameaças incluem a destruição e perturbação dos abrigos (em particular durante os períodos de criação e hibernação), a alteração da paisagem e o uso excessivo de pesticidas. Em julho de 2002 foi observada uma mortalidade elevada em vários abrigos em Portugal, França e Espanha, mas o impacto na população portuguesa parece ter sido reduzido.

As medidas de conservação a implementar incluem a proteção legal dos abrigos, o impedimento do acesso de visitantes aos abrigos mais importantes nas épocas críticas do ano utilizando vedações, a utilização de medidas adequadas para o encerramento de minas abandonadas por questões de segurança, a gestão do habitat nas áreas envolventes aos seus principais abrigos, medidas para a racionalização do uso de pesticidas, a continuação do programa de monitorização das suas populações, e a realização de ações de sensibilização de modo a diminuir a perturbação resultante da presença humana em cavidades subterrâneas [51]. Adicionalmente, o facto de se saber que em Portugal existe uma estrutura populacional complexa (sugerida por dados de anilhagem [30] e confirmada por análise genética [29]), implica a proteção das diversas subpopulações e salienta a necessidade de se gerir as colónias de maternidade individualmente bem como de promover a proteção dos abrigos de cópula.

LUÍSA RODRIGUES



Fotografia de Biogo Oliveira